

PRAGMATISMO E ROMANTISMO POLÍTICO NA INTERLOCUÇÃO ENTRE RICHARD RORTY E ROBERTO MANGABEIRA UNGER

Pragmatism and Romanticism Political in the dialogue between Richard Rorty and Roberto Unger

Tiago Medeiros Araújo¹
tiagomedeiroscontato@gmail.com

Resumo: o presente artigo discute as abordagens pragmatistas da política feitas por Richard Rorty e Roberto Mangabeira Unger através de uma sobreposição comparativa entre os autores. No horizonte das considerações, o romantismo é destacado como a postura adotada por ambos, o que conduz nosso estudo à relação que fazem entre pragmatismo e romantismo. Tanto para Rorty quanto para Unger a convergência entre pragmatismo e romantismo supõe a superação do espectro determinista de Marx e o reconhecimento da experimentação como cerne da ação política.

Palavras-chave: pragmatismo; política; romantismo; experimentação; Rorty; Unger.

Abstract: this article discusses the pragmatists approaches of politics by Richard Rorty and Roberto Mangabeira Unger through an overlap analysis between the authors. On the horizon of the considerations, romanticism emerged as the stance adopted by both, which leads our study on the relationship between pragmatism and romance made for them. So much for Rorty as for Unger convergence between pragmatism and romanticism implies overcoming the deterministic spectrum of Marx and the recognition of experimentation as the core of political action

Keywords: pragmatism; politics; romanticism; experimentation; Rorty; Unger.

1. Considerações Iniciais

O filósofo americano Richard Rorty (1931–2007) acreditava que o principal desafio do pragmatismo é remover os elementos essencialistas da filosofia, os quais impedem a realização das metas democráticas na cultura; mostrando como a preservação de tais elementos diverge das aspirações democráticas de progresso moral. O pragmatismo seria, nessa leitura, uma alternativa filosófica à tradição metafísica, de matriz platônica, que representaria a continuidade do secularismo cultural iniciado pelos iluministas. Os pragmatistas (e é interessante perceber que os autores em quem Rorty mais se centra são James e Dewey) oferecem “redescrições” que substituem as demandas essencialistas da filosofia metafisicamente motivada por demandas político-culturais, deslocando o referencial das decisões sobre as práticas humanas da descrição ontológica sobre a natureza intrínseca do real para campo da intersubjetividade. Ao fim e ao cabo, estaria o pragmatismo condicionado a desdobrar-se ou a repercutir em política, e, de modo mais específico, em política democrática. É a democracia o ponto de partida e de chegada do pragmatismo.

¹ Mestrando em Filosofia na linha de pesquisa "Filosofia e teoria social" pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente, é professor substituto da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

Pode-se dizer que o pragmatismo é uma posição filosófica que, partindo originariamente da naturalização do conhecimento², deságua na intersubjetividade como pressuposto inexorável dos negócios humanos³, tornando-se, uma perspectiva segundo a qual o interesse (e a participação) dos indivíduos concretos norteia a construção de instituições e a preservação das práticas constituintes da sociedade e da cultura. Esse interesse estaria relacionado às circunstâncias sociais, historicamente datadas, no interior das quais os indivíduos se constituem enquanto tal. É em virtude disso que o pragmatismo pode ser identificado com historicismo, o contextualismo e à hermenêutica. Os indivíduos e as sociedades são frutos de processos que não respondem a uma sequência racional, necessária ou lógica da história, sendo, portanto, contingentes históricos; as instituições e práticas são resultado de relações que se travam no interior de espaços e ambientes específicos, sendo, portanto, contextualista; e a dinâmica de adoção e abandono das práticas deriva do resultado dado pelo sentido construído pelo grupo dos indivíduos usuários em questão, sendo, portanto, uma hermenêutica.

Embora tal abordagem leia mais ou menos fidedignamente aspectos da história do pragmatismo, ela não pode defender que haja um mesmo conteúdo, ou um mesmo conjunto invariável de preocupações, para os distintos autores associados ao movimento. Ao observar essa história, na verdade, percebemos a ascensão do movimento no século XIX, o declínio no período da Segunda Guerra (com a adesão dos departamentos de filosofia americanos à escola analítica) e o ressurgimento a partir da década de 60 do século passado⁴. Da complexa trajetória do pragmatismo, mais nos interessa aqui a fase posterior à década de 60, à qual costuma-se alinhar de *Revival Pragmatism*, pois é nela que encontramos as discussões travadas pelos autores a serem abordados nesse trabalho.

² A esse respeito, John Shook escreve: “Os pragmatistas tentaram explicar que a experiência é mais do que simplesmente ‘psíquica’, naturalizando a experiência, a cognição, o conhecimento e a verdade” (2002, p.18).

³ Mesmo um pragmatista mais cientificista como Charles Sanders Peirce defende uma posição sobre a ciência que se fundamenta na noção de “comunidade de investigação”, a qual sujeita o conhecimento aos participantes da interação social que pesquisam. Essa ideia é aproveitada por Habermas na construção de seu pragmatismo kantiano. Cf. Introdução. In: HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e Interesse**. Ática: São Paulo, 1980.

⁴ Como bem registra J.P. Cometti: “cronologicamente, o recuo do pragmatismo acompanhou a ascensão do pensamento analítico no mundo anglo-saxônico, a crescente influência que então exerceram as ideias de Frege, Moore, Russel e Wittgenstein, e mais particularmente o desenvolvimento do empirismo lógico, originário do Ciclo de Viena, nos Estados Unidos.” Adiante, Cometti acrescenta: “o que se observa atualmente nos filósofos americanos que se reclamam do pragmatismo, ou naqueles que podem ser considerados mais próximos, pertence a uma história atravessada por inúmeros mal-entendidos. [...] o pragmatismo nunca foi uma corrente homogênea. Não é indiferente constatar que no momento em que a filosofia americana parece querer entrar naquilo a que já se chama uma era ‘pós-analítica’, no momento em que se assiste a um renascimento surpreendente do pragmatismo, assiste-se também ao desmembramento da herança desigual que Peirce, James e Dewey legaram a posteridade” (1995, p.9).

Segundo Cornel West, o resgate do pragmatismo é derivado de três características do pensamento filosófico da segunda metade do século XX que se interligam: a primeira consiste no desencantamento em relação à imagem tradicional da filosofia como um modo transcendental de inquirição, um tribunal da razão que fundamenta as asserções de conhecimento; a segunda consiste no cuidado e na preocupação da relação entre conhecimento e poder, cognição e controle, discurso e política; a terceira, por fim, consiste na sensibilidade pela estruturação e circunscrição da agência humana (*human agency*) em todas as suas variadas manifestações⁵. West acredita ser a virada pragmatista desse renascimento uma tentativa de revigorar a vida acadêmica, a vida política e a vida cultural nos Estados Unidos. “A seu ver, pragmatismo é um nome que designa o instrumentalismo para o qual o pensamento é uma arma cuja função é tornar a ação humana mais efetiva”⁶.

Nesse cenário oferecido por West encontramos algumas convergências e divergências entre Richard Rorty e Roberto Mangabeira Unger – dois distintos representantes do pragmatismo renascido⁷. Trata-se, entre estes, dos desafios de um pragmatismo contemporâneo diante da circunstância de relativa consolidação da democracia no mundo – ou do desejo para que se consolide – no contexto de derrocada do comunismo. Os ideais iluministas de progresso, de perfeccionismo social e de utopia são recuperados pelos autores e projetados na forma de vida social que constitui a democracia. O desejo é que haja um equilíbrio de autocriação privada e esperança pública. Como veremos, o debate entre Unger e Rorty tematiza a relação que tal filosofia supõe com a democracia, sobre a qual o pensamento pragmatista incide lançando *insights* românticos de mudança social e tentando eclipsar o espectro de Marx do pensamento social contemporâneo.

2. O pragmatismo e o romantismo em Rorty e Unger

Do ponto de vista de Rorty, filósofos pragmatistas como James e Dewey esperam que a filosofia ajude a contribuir com o estímulo à experimentação cultural e sociopolítica:

tudo o que podemos esperar dos filósofos é que eles façam o máximo para estimular a experimentação cultural e sociopolítica. A principal função da filosofia é remover o entulho intelectual [...] é encorajar a tolerância na novidade, na esperança de que assim aumente a felicidade humana⁸.

⁵ WEST, Cornel, 1989, p.5.

⁶ West, 1989, p.5.

⁷ Aliás, o interessante livro *American Evasion of Philosophy: a genealogy of pragmatism* (1989) de West é onde, pela primeira vez, Unger é identificado como pragmatista.

⁸ RORTY, 2005, p.26.

Essa função social da filosofia a que Rorty alude é caudatária da mudança de autoimagem dos filósofos em seu ofício: uma vez retiradas do eixo da reflexão filosófica a metafísica e seus rebentos na epistemologia e na filosofia analítica da linguagem⁹, resta o historicismo advindo de Hegel e epígonos, como a filosofia hermenêutica e o próprio pragmatismo. A experimentação de formas alternativas de arranjos institucionais é congruente à aspiração de tipo democrática pela pluralidade e dinamicidade de tipos humanos, como Rorty pensa em seu *Pragmatismo como um politeísmo romântico*¹⁰, o que torna a democracia um espaço fértil para o exercício dessa filosofia socialmente engajada. É nesse sentido que Rorty, acompanhando seus heróis, defende ser possível e importante explorar o artifício moldável de nossas convenções, quebrando-as com redescrições que apontem para futuros alternativos. Através do pragmatismo, Rorty sustenta uma postura romântica em relação à política democrática, nesses termos.

O que caracteriza esse romantismo pode ser entendido com a ideia de que, nas palavras de Rorty, “a política sempre será uma questão de tentativa e erro – de experimentar novas instituições [...] e de ser guiada pelo sucesso ou fracasso dessas experiências”¹¹. O pressuposto chave aqui é a imaginação. A imaginação é definida, em Rorty, com apelo à sua dimensão social: trata-se da “capacidade de mudar práticas sociais propondo novas utilizações vantajosas de sinais e ruídos”¹². O apelo social aqui é fundamental justamente por pôr em evidência a dimensão pública da racionalidade reconhecida nos usuários de linguagem. Se a imaginação é o que nos possibilita propor novas utilizações da linguagem, ela é a fonte da metáfora, da redescrição e do progresso. A relação entre mudança social e progresso é bastante estreita, em Rorty. É por isso que ele propõe a definição do romantismo que advoga como sendo “uma tese sobre a natureza do progresso”, uma ideia abordada por Shelley “quando ele escreveu ‘a imaginação é o instrumento principal do bem’, uma máxima que Dewey depois citaria com aprovação”¹³.

Essa abordagem que equilibra pragmatismo e romantismo no campo da política não é exclusiva de Rorty. O filósofo brasileiro Roberto Mangabeira Unger (1947), sobre quem o

⁹ Boa parte do livro que deu notoriedade mundial a Rorty, *Philosophy and mirror of nature* (1979), é dedicado a uma narrativa que coloca a filosofia analítica como uma continuidade e não como ruptura do pensamento metafísico iniciado por Platão.

¹⁰ RORTY, 2009, pp.57-81.

¹¹ RORTY, 2005, p.26.

¹² RORTY, 2009, p.183.

¹³ RORTY, 2009, p.184.

próprio Rorty escreveu um longo e afetuoso ensaio em 1988¹⁴, defende uma posição pragmatista bem próxima a essa, mas o faz sob outros meios, o que lhe leva a alcançar outros fins. É interessante notar que ambos são caracterizados por Cornel West como nomes da última geração da evasão americana da filosofia¹⁵. O que iremos perceber é que o modo como cada um se apropria do pragmatismo os conduz a perspectivas políticas bastante distintas.

Unger se considera um pragmatista mais ligado ao espírito desse movimento do que às ideias que ele sustenta, e, nesse sentido, ele se distancia bastante de Rorty. Tal como vê, os pragmatistas clássicos (Peirce, James, Dewey) lançam *insights* sobre agência humana, mas mantêm um compromisso naturalista que constrange a própria agência; já os contemporâneos (onde estaria, tacitamente, incluído Richard Rorty), herdeiros dos clássicos, transferem o constrangimento da agência ao âmbito da política, assumindo posições moderadas e rasteiramente transformadoras. Contra ambas as tendências do pragmatismo, ele apresenta sua própria versão do pragmatismo, à qual adjetiva de radicalizado, uma que recupera a noção de agência e a ela acrescenta os temas da contingência, da futuridade e do experimentalismo¹⁶.

As mudanças sociais que visam à ampliação da felicidade humana são correlatas à quebra de convenções em todos os níveis da vida pública. Unger quer romper os limites impostos ao pensamento e à política próprios do que em entrevistas costuma chamar “hegelianismo de direita” – a associação dos modelos presentes de arranjos institucionais e crenças à expressão mais genuína da racionalidade humana. Romper com esses limites é também projetar, para o futuro, perspectivas mais ambiciosas, do que as do presente, e nesse quesito a experimentação é também um mecanismo indispensável. Por esse ângulo, Unger pode ser posto ao lado de Rorty: ambos são filósofos cuja perspectiva em relação à política

¹⁴ Ensaio de título: *Unger, Castoriadis and the romance of national future*. Publicado em seu: *Essays on Heidegger and others: philosophical papers II* (1991).

¹⁵ Vale destacar que quando West situou Unger entre os pragmatistas (em 1988) nem mesmo Unger havia assumido sua identificação com o movimento (o que ocorre apenas em 2007).

¹⁶ A obra *The Self Awakened: pragmatism unbound* (2007), um misto de ensaio com manifesto, é uma discussão sobre o pragmatismo – não sobre como ler alguns de seus expoentes, mas sobre como compreender seu espírito e radicalizar sua proposta. Sendo síntese de toda a obra ungeriana, o trabalho enquadra suas perspectivas mais importantes sobre política, religião e sociedade em moldura filosófica. Desde as primeiras páginas – e principalmente em seu terceiro capítulo –, levanta e discute a proposta de um pragmatismo radicalizado, ou, como sugere o subtítulo, um “pragmatismo sem peias” (*pragmatism unbound*) à luz de um enquadramento especial para a corrente. Ao passo em que o pragmatismo clássico abandona a perspectiva de uma filosofia das ideias para uma filosofia das crenças, Unger estende a noção de ação do terreno cognitivo para o terreno antropológico. Isso, por sua vez, supõe uma interpretação do pragmatismo como uma perspectiva que permite a construção da imagem do ser humano como ser para o futuro ou, no jargão do próprio Unger, como “transcendente”. É essa perspectiva que dará bases para o modo como Unger pensa a sociedade e a política.

está inspirada e amparada no potencial reconfigurador da experimentação institucional como estratégia de ação. Como Rorty, Unger está, também, afirmando seu romantismo.

3. Interlocução com o pensamento de Marx

Um dos motivos que possibilitam o surgimento desse tipo de romantismo está em muito relacionado à Marx. Se, por um lado, há uma clara perspectiva romântica no desejo de Marx de superar, pela revolução, a injustiça social enraizada no monopólio capitalista das forças de produção, por outro, os resultados práticos do dirigismo estatal e de sua aplicação em contextos totalitários – inspirados na obra do referido autor – revelam a necessidade de se pensar o romantismo por outras vias. Assim, tanto Rorty quanto Unger mantem uma interlocução com Marx, na qual recuperam seu espírito romântico, mas questionam algumas das suas teses e procuram pavimentar, em terreno estritamente pragmatista, o conteúdo de seu romantismo.

É a postura em relação à herança de Marx e às dimensões do pragmatismo o que diferencia o romantismo político em Rorty do mesmo em Unger. Numa coletânea de textos curtos intitulada “*Philosophy and Social Hopel*”, Rorty publicou um breve e provocativo ensaio de título “*Failed prophecies, glourious hope*”, no qual compara o *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels ao Novo Testamento bíblico, destacando que ambos os textos são motivados por grandes esperanças na extensão da justiça social, as quais, contudo, se fundamentam em premissas logocêntricas. A seu ver, os dois escritos foram concebidos como predições acerca do destino humano justificadas pela posse do “conhecimento superior das forças que determinam a história humana”¹⁷, mas que, por não se efetivarem até então, não inspiram a aquiescência geral das pessoas sobre tal posse. O objetivo comum de religar o homem a uma natureza oculta que lhes outorgaria a plena liberdade junto à plena libertação de seus sofrimentos obliterou-se na esteira da manipulação política desastrosa de tais obras. E muito embora haja pessoas que creiam seriamente no regresso do Messias ou no triunfo da revolução, o desejo de conduzir a comunidade humana pelo caminho prescrito por esses livros – sobretudo com o fim do leninismo – não é mais levado ao pé da letra, nem mesmo pelos esquerdistas. O pensamento de Marx, assim como o bíblico, tem a virtude de inspirar e estimular as novas gerações a engajarem-se na interminável luta contra a injustiça e o sofrimento humanos, mas, ambos reivindicaram uma autoridade racional que demonstra ser o

¹⁷ RORTY, 1999, p. 201.

cumprimento dessa tarefa a própria concretização do destino humano na Terra. Essa autoridade, pensa Rorty, pode ser ignorada. É nesse sentido que as profecias falhas podem significar esperanças gloriosas.

A descrição oferecida por Marx da sociedade futura é o único empecilho da esperança, que, em Rorty, é um mero impulso cego para um futuro imprevisível, mas possivelmente e provavelmente melhor. A contribuição filosófica movida por essa esperança romântica deve evitar tanto a pretensão logocêntrica quanto a grandiloquência voluntarista da redenção pela política. Voltando a um tema já mencionado, Rorty dissolve a autoridade filosófica de Marx pela confluência de seu romantismo, pondo como sua única base a imaginação, isto é, a habilidade humana de promover mudanças de práticas sociais a partir da adesão de novas práticas linguísticas, da adesão de usos novos e vantajosos de ruídos e marcas – a esse tipo de intervenção ele denominou em sua última fase “Filosofia como política cultural”. Como escreve “no âmago do romantismo está a prioridade da imaginação sobre a razão”¹⁸. O erro de Marx teria sido o de acreditar que sua descrição de como resolver o problema dos trabalhadores organizados nas indústrias europeias do século XIX em relação aos usurpadores de suas forças de produção, detinha algo de racional, científico e necessário, não sendo uma mera sugestão, uma vez que tal reconhecimento seria o testemunho da racionalidade na história.

O passo final sugerido por Marx com a Revolução Proletária é abandonado por Rorty em prol de passos que signifiquem mudanças gradativas operadas por reformas em nossos jogos de linguagem¹⁹. Com novas palavras, temos novas práticas em substituição de práticas antigas, que cerceiam ou obstruem a ampliação das liberdades individuais. “A imaginação é a fonte da liberdade porque é a fonte da linguagem”²⁰. A assunção de novos termos nos liberta do engessamento de termos antigos e inadequados. A imaginação está, portanto, intimamente relacionada com o progresso humano. A questão da justiça social aqui passa a ser diagnosticada com o reconhecimento da crueldade como a pior coisa que o ser humano pode fazer – é a isso que Rorty denomina ser liberal. A grande questão política de Rorty, então, é o progresso moral. Como observa o comentariorortiano Bjorn Ramberg “o imperativo chave

¹⁸ RORTY, 2009. p.179.

¹⁹ Rorty é um declarado adepto das reformas como veículos de mudança social. Uma esclarecedora diferença filosófica e política dos termos reforma e revolução foi feita por Norberto Bobbio em seu *Reforma e Revolução*, publicado em: BOBBIO, N. “O Filósofo e a Política”. In: **Contraponto**, 2007, pp.391-410.

²⁰ RORTY, 2009, p.193.

da agenda política em Rorty é o aprofundamento e o alargamento da solidariedade”²¹, afinal é o próprio autor quem escreve “o romantismo é uma tese sobre o progresso humano”²².

A identificação de pragmatismo e aprofundamento da democracia é algo que Unger faz questão de realizar. Aliás, é justamente essa a característica do pragmatismo que mais chama sua atenção. Mas, a seu ver, o meio para se alcançar tal aprofundamento não deve ser atribuído à solidariedade, como em Rorty. Utilizar o pragmatismo para tanto é desconsiderar o seu potencial criativo e transformador. É abdicar de seu espírito de fortalecimento dos indivíduos concretos no engajamento coletivo em prol de uma visão amena, tênue, com um tom de “humanização do inevitável”. A esse pragmatismo chamado por ele de domesticado, opõe um pragmatismo radical que colima no aprofundamento da democracia e no empoderamento (*empowerment*) dos indivíduos por meio da substituição da “humanização da sociedade” pela “divinização da humanidade”. Isso quer dizer atribuir aos homens e mulheres comuns o estatuto divino de senhores totais de sua realidade pessoal e social. Uma equação que só pode ser operada pela política, sendo que tal política deve consistir no descongelamento de instituições e práticas que camuflam verdadeiras prisões do *self*²³. O progresso humano romântico não está associado, então, à inclusão dos outros – representadas na prática por políticas sociais – mas à libertação da personalidade individual de arraigados papéis sociais, divisões e hierarquias herdadas – a partir da reorganização do estado e da reforma das instituições.

Para Unger, nossos interesses mais poderosos são os que nos impulsionam à desnaturalização da sociedade e da cultura e à radicalização do experimentalismo²⁴. Sob uma retórica de discurso político, ele destaca um conjunto de “virtudes” humanas que constroem a ideia de que o homem é um ser condicionado a transcender seu próprio contexto, indo sempre em direção a planos inexplorados de arranjos sociais. Daí então escrever em seu *The Self awakened pragmatism unbound* que “o sentido de um poder permanente de transcendência além de todos os limites – de abertura para o infinito – é assim inseparável da experiência da consciência [humana]”²⁵. Unger investe, realmente, em uma antropologia filosófica com ferramentas pragmatistas. Quer ele definir o homem como um ser de ação, situado em

²¹ Verbete: “Rorty”. In: **Stanford Encyclopedia of Philosophy**.

Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/rorty/>

²² RORTY, 2009, p.184.

²³ O termo *self* abarca tanto “eu” quanto “homem”, ou ainda, “indivíduo”.

²⁴ UNGER, 2007, p.7.

²⁵ UNGER, 2007, p.13.

circunstâncias naturais e sociais contingentes, projetado para um futuro que permanece sempre aberto, e orientado e movido por sua capacidade de experimentação, com o que introduz o novo.

Nesse espírito, Unger distancia-se de Rorty, e, sem menciona-lo, o aloca no hall dos filósofos contemporâneos descrentes que contentam-se em dar prestígio filosófico à socialdemocracia²⁶. O arranjo político que interessa a Unger é uma democracia radical. A filosofia pragmatista de Unger é posta a serviço de um pensamento político que visa a transformação radical da sociedade sem os imperativos deterministas de Marx e sem o contentamento, algo deprimido, dos liberais pequeno burgueses como Rorty. Thomas Abraham, a esse respeito, escreve: “sem dúvida, o pragmatismo adípso do norte não está em condições sequer de imaginar uma dinâmica social desta envergadura que ademais parte de uma concepção do homem como ser infinito, preso em uma cápsula carnal”²⁷

Voltando-se também contra o determinismo de Marx, entende que olhar a sociedade através da lente de Marx é ver um conjunto de forças causais que realizam um script da história. É crer que há um fator determinante de mudança social que só pode ser operado estruturalmente, o qual é responsável pelo engendramento das diferentes sociedades. Acreditar que haja esse fator e que somente a manipulação dele possibilita uma mudança social significativa é limitar a ação humana à orientação de uma escolha intelectual infrutífera. Considerar a atuação deliberada dos homens sobre suas condições coletivas pode ser muito mais produtivo, ademais, se aceitarmos a ideia de que democracia liberal, economia de mercado e sociedade civil livre não são instituições formais estanques, mas flexíveis, plásticas, de tal modo que permitem um conjunto alternativo incontável de instituições coexistentes em seus interiores. A experimentação, assim, não pode se limitar a mudanças de

²⁶ Unger não faz citações, sequer menções, de seus interlocutores diretos, que nos permitam saber quem são efetivamente. O que mais se sobressai nesse quesito é a menção feita em passagens como: “this doctrine of shrinkage, of retreat to more defensible lines, of standing and waiting, of singing in our chains, is the dominant philosophy of our time, expressed in the writings of professors as well as in the climate of educated public discussion. And many of its most influential formulations use the label ‘pragmatism’” (UNGER, 2007, p.1). Considerando o reconhecimento de Richard Rorty como um dos pensadores americanos mais influentes no mundo, hoje, e reconhecendo sua declarada adoção ao pragmatismo, podemos entender que essa passagem inclui o referido autor no hall dos intelectuais que defendem o que Unger chama pragmatismo encolhido. A hipótese que defendemos, a que atribui ao SA um debate implícito com Rorty, é compartilhada por Tomás Abraham. Em seu interessante trabalho “*Rorty: una introducción*”, Abraham escreve: “Unger em su último libro [...] que elabora un proyecto de un nuevo pragmatismo, en trescientos cincuenta páginas no lo nombra ni una sola vez a Rorty. Pero alude a su presencia, nos la hace reconocible.”(2010, p.118).

²⁷ ABRAHAM, 2010, p.120.

vocabulários que signifiquem reformas cíclicas, simplesmente, mas a mudanças institucionais que combinem progresso prático ou material com emancipação do indivíduo.

4. Considerações finais

Por lados diferentes Rorty e Unger atacam Marx e reforçam uma posição pragmático-romântica: a esperança não logocêntrica e a imaginação para propor novos vocabulários, por um lado, e o entendimento da capacidade de transcendência humana e da plasticidade de nossas instituições por outro. Ao mesmo tempo pode-se notar que Unger e Rorty discordam sobre o alcance do segundo passo em relação à superação de Marx e ao propósito do pragmatismo. O ponto de convergência é que o romantismo pragmatista pressupõe a aceitação da dimensão contingente das sociedades e o uso da imaginação como potência criadora ilimitada na política.

Muito embora não haja uma interlocução declarada desses autores sobre esse tema, no ensaio supramencionado “Unger, Castoriadis e o romance de um futuro nacional”, Rorty analisa o papel do pensamento de Unger para a mudança na autoimagem dos países de fora do circuito do Atlântico norte, comparando a contribuição do brasileiro à contribuição de Walt Whitman para América no século XIX. E, ao que parece, esse ensaio explica a diferença principal entre os autores. A efervescência cultural dos países emergentes como o Brasil parece ser mais tolerante e aberta a ideias experimentalistas, imaginativas, em suma, vigorosamente românticas. Rorty se vê, enquanto norte americano, numa difícil missão de conciliar as demandas filosóficas pós-metafísicas e a segurança das instituições liberais com um romantismo imaginativo e prepostero. Seu romantismo acaba sendo uma reação a dois fatos de natureza biográfica: a sua confessada desilusão em relação à filosofia tradicional e ao estado de inércia da atividade política da esquerda americana, restrita à rotina acadêmica e desengajada politicamente.

É a isso que Unger se refere quando observa limites no pragmatismo contemporâneo. E é nesse sentido que ele parece se colocar numa interlocução com o americano. São limites que procuram murchar a dimensão missionária e libertadora do pragmatismo numa acepção domesticada. Reafirmar o pragmatismo, a seu ver, é radicaliza-lo para o benefício de nossas metas democráticas. Se os Estados Unidos da América não possuem mais fôlego para tal filosofia e tamanha tarefa, que o Brasil não fuja dessa possibilidade. Pois, só assim se pode sustentar uma posição legitimamente romântica.

Referências Bibliográficas:

- ABRAHAM, Tomás. **Rorty: una introducción**. Buenos Aires: Quadrata, 2010.
- COMETTI, J.P. **A Filosofia sem Privilégios**. Porto: Edições Asa, 1995.
- RORTY, Richard. **Pragmatismo e Política**. Trad. Paulo Ghiraldelli Jr. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. “Unger, Castoriadis e o romance de um future nacional”. In: RORTY. **Ensaio sobre Heidegger e outros**. Tradução Marcos Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.
- _____. “Pragmatismo como Politeísmo romântico”. In: RORTY, **Filosofia como Política Cultural: escritos filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. “Pragmatismo e romantismo”. In: RORTY, **Filosofia como Política Cultural: escritos filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. **Philosophy and Social Hope**. London: Penguin Books, 1999.
- SHOOK, John. **Os Pioneiros do Pragmatismo Americano**. Trad. Fábio Said. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- UNGER, Roberto Mangabeira. **The Self Awakened: pragmatism unbound**. Harvard: University Press, 2007.
- _____. **Democracia Realizada: a alternativa progressista**. Trad. Graieb, Grandchamp e Castanheira. Rio de Janeiro: Ed. Boitempo, 1999.
- WEST, Cornel. **American Evasion of Philosophy: a genealogy of pragmatism**. Wisconsin: University of Wisconsin System Press, 1989.